

**POSFÁCIO**  
**O NARRADOR HERDEIRO**  
**E AS PERMANÊNCIAS DA HISTÓRIA:**  
**LEITURAS CRUZADAS DE MACHADO,**  
**GRACILIANO E CHICO**

---

ANA CLAUDIA DA SILVA  
Doutora em Estudos Literários.  
Docente do Departamento de Teoria Literária  
e Literaturas da Universidade de Brasília

Ao longo destas páginas, o leitor percorreu um itinerário crítico tecido em três eixos, cada um dedicado a um autor e a um momento decisivo da literatura brasileira, mas todos reunidos sob uma figura comum: o narrador herdeiro. Esse narrador fala a partir de um lugar de privilégio – material, simbólico ou ambos – e, ao contar, deixa transparecer não apenas a sua história, mas as tensões, contradições e desigualdades que moldam o tempo que pretende representar.

O primeiro eixo, “Sombras da Aristocracia: o herdeiro e a decadência da elite no Brasil Imperial”, ilumina a obra de Machado de Assis, com atenção especial a Memórias Póstumas de Brás Cubas (e, de passagem, a Ressurreição). Aqui, o narrador herdeiro funciona como lente para observar o século XIX brasileiro, marcado tanto pelo escravismo, quanto por um liberalismo restrito às elites. A ironia cortante, as digressões calculadas, a voz que se reconhece detentora da narrativa – tudo isso desmonta o herói burguês importado da Europa e expõe a contradição de uma classe que se anuncia moderna, mas se ancora em estruturas arcaicas para sustentar privilégios. Machado reelabora o romance burguês europeu, mas também o deforma, adaptando-lhe as formas para o chão social brasileiro.

No segundo eixo, “Fragmentos da Crise: narradores em ruína na transição modernista”, chegamos a Angústia, de Graciliano Ramos. Aqui, o herdeiro já não usufrui plenamente dos antigos privilégios: Luís da Silva vive entre um passado rural em dissolução e uma cidade que o relega à margem. Sua narrativa fragmentada – repleta de retornos, interrupções e repetições – traduz tanto o colapso íntimo quanto o impasse de um país que tenta se modernizar sem, contudo, romper com os mecanismos de exclusão. Graciliano constrói um romance que combina introspecção psicológica e crítica social, recusando simplificações fáceis e expondo as fissuras da modernização brasileira dos anos 1930.

O terceiro eixo, “Ecos de uma Formação Nacional: memórias e ruínas do narrador herdeiro contemporâneo”, leva-nos a Leite Derramado, de Chico Buarque. Eulálio d’Assumpção, aris-

toocrata centenário em ruína, narra sua vida (e a de sua família) a partir de um leito de hospital. As repetições, as lacunas e as divagações não se devem apenas à idade; revelam uma memória seletiva, empenhada em preservar a imagem idealizada da linhagem. O romance sobrepõe tempos históricos, deixando claro que valores herdados do escravismo e do patriarcalismo ainda sussurram – e, às vezes, gritam – na sociedade brasileira.

Tomados em conjunto, os três eixos mostram o narrador herdeiro como recurso literário capaz de revelar permanências históricas e tensionar discursos de poder. Em Machado, é o herdeiro seguro; em Graciliano, o herdeiro deslocado; em Chico, o herdeiro em declínio. A ironia e o distanciamento machadianos, a introspecção fragmentada de Graciliano e a memória instável de Chico não são meros traços de estilo: são modos diferentes de interrogar a relação entre passado e presente.

O diálogo estabelecido ao longo da obra com autores como Georg Lukács, Antonio Candido, Ángel Rama, Roberto Schwarz, Franco Moretti e Ian Watt confirma que a voz narrativa nunca é neutra: ela participa, negocia, resiste às circunstâncias históricas que determinam tanto o que se conta quanto o modo de contar.

Encerrar esta coletânea com um olhar retrospectivo é também reconhecer o trabalho coletivo que a sustenta. O narrador herdeiro não é, aqui, apenas objeto de análise: é espelho das contradições que atravessam a própria história brasileira. A orientação de Edvaldo Bergamo contribuiu para manter coesa a articulação entre teoria, contexto e sensibilidade crítica. Este posfácio, portanto, não fecha as discussões – antes, abre a possibilidade de que a leitura atenta continue sendo, como sempre foi, um ato de resistência e de transformação.